

UNIVERSOS PARALELOS

Individualismo, consumismo e virtualização na sociedade tecnológica.

DORNELES, Juliano Paz

RESUMO - Este artigo tem como objetivo a apresentação do contexto atual de virtualização da memória, do conhecimento, da informação e dos espaços interativos, em um mundo influenciado pelo individualismo crescente, pela sobrevalorização da imagem e pelo hipervalorização do consumo. Apresentando considerações e propondo questionamentos.

Palavras-chave: Tecnologia. Virtualização. Individualismo. Imagem. Sociedade.

Abstract - This article aims at presenting the current context of virtualization of memory, knowledge, information and interactive spaces, in a world influenced by growing individualism, the overvaluation of the image and the overestimation of consumption. Introducing considerations and proposing questions.

Keywords: Technology. Virtualization. Individualism. Image. Society.

Universos paralelos

Individualismo, consumismo e virtualização na sociedade tecnológica.

Estamos inaugurando uma nova era no que se refere ao modo com interagimos com os indivíduos, com a sociedade, com os bens de consumo, com a cultura e com o conhecimento. A era da virtualidade; Do hiperconsumo; Da imagem; Do individualismo; Da coexistência da informação e da desinformação; Da inclusão e da exclusão; Dos contrastes ideológicos; Do conflito entre o otimismo e aqueles que o contrapõem. Da pluralidade, das verdades e da utopia; Da materialização do virtual e da virtualização do real.

Neste universo, a virtualidade vem recriando o mundo e as relações humanas. Conforme Pierre Lévy, vivemos um movimento geral de virtualização que atinge as

modalidades do estar junto. A constituição do 'nós' vem sendo recriada a partir dos espaços interativos de relação virtual. Tais como as comunidades virtuais, empresas virtuais, escolas virtuais e outros nichos interativos.

A digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço fazem parte de uma onda que “ultrapassa amplamente a informatização” (LÉVY, p. 2). A evolução cultural está em andamento, juntamente com a evolução tecnológica. “A virtualização constitui justamente a essência” (LÉVY, p. 2). Tal fenômeno não é algo bom, nem mau, nem neutro. E precisa ser estudado e compreendido.

O virtual surge como um modo de ser particular. O qual impõe o surgimento de uma nova sensibilidade estética. Conforme o latim medieval, o virtual é o que existe em potência e não em ato. Sendo o possível tal qual o real, porém, desprovido de existência. “O virtual não se opõem ao real, mas sim ao atual” (LÉVY, p. 5). O virtual constitui a entidade. As virtualidades inerentes ao ser. Problemáticas de nós e tensões.

A atualização é uma forma de criação, invenção. A partir de uma configuração de forças. Uma espécie de produção de qualidades novas. Incorporação de novas propriedades; Evolução; Reinvenção; Transformação de ideias. Sob um contexto particular, poderíamos dizer que se transformam os indivíduos e a sociedade, quando o virtual se materializa; Quando a entidade é incorporada; Quando a ideia é posta em prática.

Os programas de computador são exemplos de soluções virtuais aos problemas reais. A virtualização da execução de raciocínios. Uma espécie de inteligência artificial. Capaz de fazer cálculos, executar tarefas e organizar informações. Neste contexto, a atualização, na figura da programação informática, surge como uma ‘invenção de uma solução exigida por um complexo problemático’.

A informática faz uso da automatização de procedimentos. Da mesma forma que abusa da virtualização da memória. A digitalização de dados. Em um contexto de tecnocracia. Ou, digamos, governo da tecnologia. O que pode ser percebido na

presença dos algoritmos que automatizam processos burocráticos de gerenciamento de dados.

Com o avanço da tecnologia, e com o processo de virtualização do mundo, percebemos mudanças e transformações sociais nos relacionamentos humanos. Da mesma forma, se recriam as relações do homem com a política, com o mercado e o com próprio desenvolvimento tecnológico. Neste ambiente, notamos também a transformação do espírito humano. A presença do individualismo, o consumismo e o isolamento midiático.

Há uma hipervalorização da tecnologia como ordenadora social. Conduzindo a democracia, recriando identidades e apoiando a cidadania. As conquistas revolucionárias da tecnologia ganham espaço de discussão entre os intelectuais do séc. XXI. Ao mesmo tempo em que aproximam e afastam os homens de um convívio mais próximo.

A integração social se dá, cada vez mais, de forma virtualizada. A presença da ubiquidade tecnológica, nas relações mediadas pelos dispositivos móveis, isola os homens do convívio social, do mesmo modo que os insere em novos espaços públicos. O principal deles: O ciberespaço.

Os efeitos da virtualização, e da crescente presença da tecnologia em nossas vidas, nos induz a questionar a criação da inteligência artificial e coletiva como algo bom ou mau. Mas o que seria o bem e o mal? Sendo neutra, a tecnologia, poderia se boa ou má, de acordo com o uso que lhe for designado? Quando virtualizamos, desmaterializamos? Ou virtualizamos, pra materializar?

O efeito da influência das novas mídias na sociedade vem sendo compreendido à medida que aprimoramos as relações mediadas. Da mesma forma que o homem é recriado e transformado pelo contexto social em que vivemos. Novos modos de interação; Novas relações; Cada vez mais tecnológicas e não presenciais. Será que estamos nos tornando onipresentes em um contexto de virtualização? Para Lévy, há coexistência dos conceitos de onipresença e não presença, no virtual. Mas,

como ocorre, de fato, este processo de virtualização? Sabemos que ainda é cedo para antecipar quaisquer conclusões.

Neste contexto evolutivo, da mesma forma que a televisão, o rádio e os meios impressos, a web e, principalmente, as mídias sociais virtuais, se tornam elos entre indivíduos. Reunidos por afinidades e sentimento de pertencimento a ideologias, comunidades e grupos interativos. Interligados por *links*, fóruns temáticos ou *hashtags*, os internautas se relacionam entre si e com a pauta de suas discussões. Nestes espaços, o individualismo se manifesta. E, por vezes, é colocado a serviço da coletividade.

Se as novas tecnologias são inovações técnicas, as relações dos homens com tais inovações acarretam transformações sociais e políticas. Em um ambiente onde se questiona e projeta a criação do pós-humano, as máquinas, providas de inteligência artificial, tendem a se tornar os novos deuses da era tecnológica. Regulando e estruturando a sociedade. Armazenando e distribuindo o saber.

Apesar de vivermos o ápice da interação midiática e da virtualização tecnológica já vivida até hoje, a virtualização está longe de ser algo recente. “A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais” (LÉVY, p. 8).

Estamos vivendo um processo de recriação das formas como utilizamos tais virtudes. Imaginar, memorizar, conhecer e religar-se, agora se tornam procedimentos potencializados pela tecnologia como extensão do corpo e do espírito.

Nas palavras de Dominique Wolton,

"A comunicação tem se mostrado cada vez mais eficaz: nós Passado o telefone para a rádio, da televisão para computadores e mais recentemente, a sistemas multimídia. De repente, a dimensão técnica da

comunicação substituiu dimensão humana e social "(WOLTON, Dominique, 2000, p. 11)³⁶

A preocupação de Wolton é semelhante a de outros tantos pesquisadores. Enquanto Lévy idealiza o ciberespaço com otimismo demasiado, quando imagina uma sociedade interativa, compartilhando conhecimento em processo de construção da inteligência coletiva e do coletivo inteligente, Wolton percebe o isolamento humano, devido ao crescimento, em proporção, das interações não presenciais.

O fato é que os dois processos ocorrem simultaneamente. Há sim um lado bom e um lado perigoso. Se de uma forma possibilitamos novas formas coletivas de construção de conhecimento, espaços interativos, automatização de processos racionais e armazenamento de informações, de outra forma, nos ocupamos cada vez mais com a tecnologia. Tempo que antes ocupávamos em interações interpessoais e com a natureza.

Wolton também tem um lado otimista, apesar de ser mais preocupado, do que entusiasmado com todo este processo. Para ele, “comunicação é o centro modernidade em, é dizer que resulta do movimento de emancipação lento do indivíduos” (WOLTON, 2000, p. 12)³⁷. Apesar de caracterizar como processos lentos, Wolton percebe tanto a emancipação do indivíduo quanto o nascimento da democracia. Fazendo uma relação da revolução da comunicação com o progresso e a modernidade.

Há mais de dez anos, Wolton já imaginava o que vem após a internet. A “verdadeira revolução da internet que irá resultar em uma < nova sociedade >, simplesmente porque eles assumem que a tecnologia irá alterar diretamente a sociedade e os indivíduos e do nascimento da democracia” (WOLTON, 2000, p. 18). De

³⁶ “la comunicación há resultado ser cada vez más eficaz: hemos pasado del teléfono a la radio, de la televisión a la informática y, más recentemente, a los sistemas multimedia. De repente, la dimensión técnica de la comunicación há sustituido la dimension humana y social” (WOLTON, Dominique, 2000, p. 11)

³⁷ “democracia la comunicacion está em el centro de la modernidade, es decir: resulta inseparable de este lento movimiento de emancipación del individuo y del nacimiento de la democracia” (WOLTON, 2000, p. 12)

fato, tais transformações vêm acontecendo de forma gradual, a medida que os indivíduos incorporam o ciberespaço como espaço de encontro, diálogo e circulação.

Cada vez mais participativa, a comunidade de internautas atua de forma coletiva e individual. Em sites colaborativos, como o Wikipédia, temos a coexistência de duas realidades. De um lado, a possibilidade de construção coletiva da informação. De outro, uma aparente desorganização e monopólio por parte daqueles que ali estão há mais tempo. Além disso, há a questão da credibilidade das informações, que nem sempre condizem com a realidade. Assim corremos o risco de estarmos consumido inverdades como verdades.

Partindo do contexto das verdades e inverdades, ao contexto das certezas e incertezas, surgem contribuições de filósofos tais como Jean Baudrillard

“Aquém e além do pessimismo e do otimismo, desestabiliza em permanência e eterna vontade intelectual de introduzir certezas nas células de sociedades consumidas pelo vírus do aleatório. Conhecimento e verdade parecem evoluir em direções opostas. Quanto maior o conhecimento, bem ilustrado na atualidade pela revolução da informática, menor a compreensão da existência”. (BAUDRILLARD, Jean, 2005, pp. 7-8)

Se, para os otimistas, vivemos a inauguração da era da democracia universal da informação, Baudrillard aponta um crescimento rápido do que chama de dejetos e desertos. É preciso garimpar algo bom na internet. Um ambiente caótico, com ausência parcial de *Gatekeeping*. A virtualização da informação, e do conhecimento, possibilitou que todos se tornassem produtores em potencial. Sendo, que assim, inexistente controle de qualidade e seleção de conteúdo.

Com a virtualização do conhecimento e da informação, da mesma forma que, se virtualizam os enganos e a desinformação, surge o que Lévy chama de virtualização da consciência. Ou consciência coletiva. Mas que consciência é esta? Qual a relação com o senso comum? Como definir valores coletivos, quando a sociedade é plural e heterogênea? Como definir um padrão, quando vivemos um momento de caminhos ímpares, por vezes opostos e, mesmo assim, legítimos?

O certo, em concordância com Lévy, é que vivemos o processo da virtualização e atualização, da potencialização e da realização, simultaneamente em um sistema de retroalimentação. Atualizamos, virtualizamos, potencializamos e realizamos, para atualizar, virtualizar potencializar e realizar, novamente. E assim sucessivamente. É como andar em uma autoestrada, recriando o mapa, e redefinindo o destino, a cada ponto de chegada.

De algum modo, o virtual e o real se confundem, e por vezes se recriam um ao outro. Se abastecem; Se alimentam; Comungam e coexistem em um certo ponto. O que se exterioriza e o que se interioriza. Estar na web é estar dentro ou fora? Dentro ou fora de onde? Do espaço virtual ou do mundo real? Ou seria, o mundo virtual, o verdadeiro mundo real? E o real, a verdadeira virtualização?

O fato é que a virtualização nos coloca, mais uma, vez na 'Matrix'. E uma vez na Matriz, o real e o virtual invertem as posições. O mesmo pode-se falar em relação ao espírito. Ou, ao pensamento. Seria apenas metafísica, como um dia disse Heidegger? Ou, uma mentalização pode ser representada de forma física? Seria isto, arte?

Estar no ciberespaço é estar em toda parte ou estar em lugar nenhum? Dentro ou fora do real ou do virtual? Qual concepção é a mais adequada? Dependeria de um ponto de vista ou referencial? Será que existe verdade absoluta neste contexto? Verdades contraditórias? Ou apenas considerações opiniáticas?

Conforme Lévy, "O psiquismo, por construção, transforma o exterior em interior (o lado de dentro é uma obra do lado de fora) e vice-versa, uma vez que o mundo percebido está sempre mergulhado no elemento do afeto" (LÉVY, p. 73). O fato é que, o dentro e o fora, agora comungam. Estar no espaço geográfico, e estar no espaço midiático, são ações simultâneas. Ainda mais quando vivemos o desenvolvimento da tele presença. Quando podemos comandar máquinas à distância. Como satélites e aeronaves não tripuladas.

A interação mediada, assim como a comunicação ubíqua, é uma forma tecnológica da materialização da telepatia. Comunicar-se à distância deixou de ser algo sobrenatural para se tornar algo usual em nosso tempo. E nós, espíritos tecnológicos, fazemos parte desta sociedade. Uma sociedade do espetáculo, do consumo, do individualismo e, sobretudo, da virtualização do real e da realização do virtual.

Estamos imersos neste universo. Não mais como meros entes. Mas como mundos individuais. O indivíduo aprendeu a transcender a própria identidade. Quando definir-se é limitar-se. E, como pessoa, faz uso de várias ‘personas’. Incorpora pensamentos distintos. Observa o mundo através de múltiplos olhares. Permite-se acessar e comungar o mesmo e o outro; O igual, o diferente e o semelhante; O contrário, o oposto e o inverso.

O conhecimento individual é absorvido pelo coletivo, ao mesmo tempo em que o saber coletivo é incorporado pelo indivíduo. Porém, quando tudo parece fantástico e maravilhoso, percebemos que o número de indivíduos acordados na ‘Matrix’ é uma minoria frente a grande massa conduzida por aqueles que detêm o conhecimento e, portanto, o poder. Além da necessidade de inclusão digital, notamos que a grande maioria de internautas ainda é consumidor e compartilhador. E que apenas uma minoria produz o próprio conteúdo. Seja textual, audiovisual ou de qualquer outro formato midiático.

Conforme Guy Debord, o espetáculo “‘unifica’ e ‘explica’ uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na verdade geral” (DEBORD, 2003, p. 16) “O espetáculo é a afirmação da aparência e de toda vida humana” (DEBORD, 2003, p. 16). Produz um poder independente. Afirma e virtualiza uma imagem do real. Está em toda parte.

Neste sentido, “o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens” (DEBORD, 2003, p. 29). Imagens que têm valor no mercado. O valor de cada um; Da força de trabalho; Da capacidade de produção; Da capacidade de consumo; E da aparência, como cartão de visitas.

O culto ao corpo ganha importância dimensionada. A estética, a dietética e a plástica. As vestes, os acessórios e os mais variados bens de consumo. O próprio conhecimento. Os graus e os títulos. A posição hierárquica no mundo profissional. A abundância e a riqueza (material, espiritual e intelectual). A forma física e a saúde. O casamento e a família de sucesso. Tudo se torna valor, hipervalorizado, do indivíduo no mercado.

O individualismo crescente tende a ser colocado a serviço do coletivo. Mas são os valores individuais que devem ser valorizados para que a máquina social funcione. Cada um tem a própria característica. Valorizar o que cada um tem de melhor, e colocar em harmonia com o coletivo, é uma forma de potencializar a produtividade e, conseqüentemente, acelerar a evolução sociopolítica e econômica. Assim como a solução dos problemas comuns.

Enfim, vivemos a criação desta nova realidade. Na coexistência de universos paralelos. Locomovemo-nos pelos espaços físicos. Nos tele-transportamos aos ambientes virtualizados. Estamos nas obras e nos rastros. Conectados ubiquamente através de avatares personalizados. Digitalizados e multiplicados. Em plena recriação. Na construção de algo sem precedentes.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **TELA TOTAL – Mito-ironias do virtual e da imagem**. Editora Sulina. Porto Alegre . 2005.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Ebook. Projeto Periferia. 2003.

LÉVY, Pierre. **O QUE É O VIRTUAL?** Ebook
[http://issuu.com/midia8/docs/o que o virtual - pierre lvy](http://issuu.com/midia8/docs/o_que_o_virtual_-_pierre_lv)

WOLTON, Dominique. **INTERNET, y DESPUÉS? Uma teoria crítica de los nuevos medios de comunicación**. Editora Gedisa. Barcelona. 2000.